

Artaud e Nise, a loucura de viés

Resenhas

artaud e nise, a loucura de viés | salete oliveira*

André Queiroz. *Antonin Artaud, meu próximo*. Rio de Janeiro, Pazulin, 2007, 102 pp.; Bernardo Carneiro Horta. *Nise, arqueóloga dos mares*. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 2008, 400 pp.

Dois livros. Um pequeno, de proximidade arredia, letras mais miúdas. Um grande com figuras, como dizem as crianças, e largueza nas letras. Dois livros tão diferentes. Um Artaud de André e uma Nise de Bernardo.

A explosão inapreensível da frase *Eu, Antonin Artaud*, em Queiroz vira *Antonin Artaud, meu próximo*. O horror das biografias nutrido pela senhora das imagens, Nise da Silveira, vira biografemas por Carneiro Horta em *Nise, arqueóloga dos mares*. Dois livros e uma conversa possível entre o inapreensível da loucura em recusa às tentativas psiquiátricas de realizar a infame anamnese de algum provável biografado.

* Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora no Nu-Sol, professora no Departamento de Política da PUC/SP.

verve, 15: 293-298, 2009

E é possível, também, ao leitor atravessar os dois livros como um escafandrista, não em busca do oculto de cada um como pretende a psiquiatria para proferir a atribuída verdade escondida da natureza do ser. Mas apenas se deixando levar por correntes de marés. Próximas e quentes e de repente geladas e revoltas. Como num mergulho em água salgada ou a alguns passos de um retorno ao cheiro do mar. E ninguém volta incólume de um mergulho. Ninguém retorna ileso de seus movimentos.

O livro de André Queiroz traz um Artaud de maltas, na definição de Elias Canetti em *Massa e poder*, malta que provém do latim e designa movimento, revolta, sublevação e partidas de caça. Maltas do corpo em duplos, de Blanchot e Deleuze; de Kafka e Melville; de Joseph K. e Bartleby. A atmosfera que atravessa estas maltas em duplos em “Antonin Artaud, ou como fazer funcionar um corpo sem rastro” provém um tanto da instigante afirmação de Foucault ao dizer que na escrita de Artaud se encontrava a materialidade do pensamento.

A arqueóloga dos mares Nise, de Bernardo Horta, chega ao leitor em fragmentos narrados entre acontecimentos provocados por esta pequena mulher, de corpo frágil e de mãos e articulações contorcidas que sacudiram e transtornaram a estabilidade da história da psiquiatria. E é ela quem diz, ecoada na voz do ator Rubens Corrêa — no transtornante vídeo *Encontros com Pessoas Notáveis, Nise da Silveira* dirigido por Edson Passetti, no começo dos anos 1990: “Estou cada vez menos doutora, cada vez mais Nise.”

Nise, esta nordestina de nome minúsculo extraído da poesia de Cláudio Manuel da Costa, este nome mínimo da amada pelo poeta, e do amor que brota por uma mulher insubmissa, e mais uma vez inapreensível. Da literatura que habitaria a vida da doutora e da mulher e viria liquidar os compêndios dos médicos psiquiatras. Daí, a admiração inclassificável da se-

Artaud e Nise, a loucura de viés

nhora das imagens por Artaud. “Creio que, antes de Artaud, nunca alguém conseguiu por meio de palavras, exprimir, com tanta força, dilacerantes vivências. Pela imagem, sim, que é a direta forma de expressão de processos inconscientes profundos, muitos o fizeram e fazem todos os dias, usando lápis e pincéis. Pela palavra, não” (H, p. 113). E a recusa irreduzível de Artaud em se deixar institucionalizar se desdobra quando Nise afirma que a “Carta aos médicos” escrita por ele é *ir-respondível*.

Se Artaud dizia que a única vantagem que os médicos têm sobre um louco é a força, ele reverteu a quantidade desta mesma força por sua potência de vida inestancável. E mostrou que relações de força não se confundem com relações de governo e submissão.

Talvez, André Queiroz fale de outro modo desta potência, por intermédio do que ele designa por “corpo sem rastros”, ao colocar na cena do embate a luta do pensar contra o pensamento, a luta do corpo contra a organização. E ele, Queiroz, aqui sim reduplica sua escolha pelas maltas no rastro de Deleuze, sublinhando a diferença singular entre movimentos e instituições. Deleuze dizia que o surpreendente só pode vir do menor em movimento ao passo que as instituições estão sempre ligadas ao direito, à lei, e se segundo ele a lei é um conceito vazio, as leis são noções complacentes. O corpo sem rastros que Queiroz fabrica e faz funcionar deságua no novo duplo de maltas Artaud-Rimbaud, em viagens de acertos, desencontros e descobertas no México da América e nos confins da África. Desta vez, duplo mínimo, literatura com literatura, e na vida jovens desacatando a lei e explicitando outros meandros dos tráficos alimentados por proibicionismos e proibições morais que começam no sexo e terminam na arte, que começam no corpo e findam nas experiências de estados alterados livres.

Se para Queiroz a questão é se situar na “viagem e no infortúnio de quem fica” para Artaud a ida ao

encontro dos Tarahumara no México o leva à lida com esse povo que o próprio nome já diz, “aquele que caminha”, desse povo que recusa a esmola e desdenha o comércio, o mercado e que nas altas altitudes lida com a dor que aplaca o corpo de maneira, mais uma vez, inapreensível a quem *discorre sobre* o sofrimento e a morte e recomenda as maravilhas e benesses da felicidade e da qualidade de vida. Distante da famigerada lógica dos eletrochoques, da lobotomia e das medicalizações químicas tão recomendadas atualmente; instrumentalizadas pelo discurso psiquiátrico. A Segunda Guerra Mundial havia acabado, e na saída de Artaud de anos de manicômio, infundáveis sessões de eletrochoque os tarahumara e as visões suscitadas no deserto foram uma saúde.

Não é fortuito que uma das procedências da psicologia e da psiquiatria no Brasil, situem-se, simultaneamente, sob o nome de *licantropia*, quando no século XIX expedições européias construía os índios como doentes mentais por aquilo que o saber médico rotulava de “delírio no qual o indivíduo se julga transformado em lobo”. E se um dos baixos começos da psicologia e da Psiquiatria emergiu com a construção do Hospício Pedro II no Rio de Janeiro, também chamado por *Palácio dos Loucos*, e que ficaria mais conhecido como Hospício da Praia Vermelha, seria lá que, segundo Bernardo Horta, Nise viria a se insurgir contra as *novidades de tratamento* que chegavam da Europa, sob a forma de eletrochoque, precisamente no momento em que ela saía da cadeia onde esteve presa pela ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. E ela diante da parafernália da máquina gritou: “eu não aperto o botão!”. Resultado: em 1946, foi rebaixada ao setor de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II. Chegando lá notou que aquilo não era mais do que uma extensão da oficina de farrapos que se espalhava pelo hospício, explorando o trabalho escravo dos internos, entre remendos e lavagens de roupa. E de novo gritou: “Eu não sou capataz!”

Artaud e Nise, a loucura de viés

A construção do esquizofrênico como inafetivo pela psiquiatria seria liquidada pela surra que a louca Luíza deu na enfermeira que delatou Nise à polícia de Vargas e o Museu das Imagens do Inconsciente iniciaria sua existência pelos gritos dos loucos e de Nise da Silveira, entre o rebaixamento da doutora e a fundação do museu em 1952. Entre bordados, tintas, pincéis e outros instrumentos a Casa das Palmeiras, também não tardaria a surgir em 1956. A terapia ocupacional foi soterrada pela emergência convulsiva e delicada de outros espaços da emoção de lidar. Mas é preciso estar atento, pois hoje a terapia ocupacional, regularmente, vem assumir o lugar da cela socialmente aceita não só no redimensionamento da rotina manicomial nos hospitais-dia, assim como na avassaladora prática de psiquiatrização da ordem o eletrochoque vem sendo recomendado e aplicado em tratamentos do chamado transtorno depressivo, conectado aos desdobramentos de estudos neurocientíficos, instrumentalizados pela psiquiatria. E eles dizem assim: A questão hoje, com os avanços da medicina psiquiátrica e da neurociência, é apenas de saber combinar a dose certa de anestesia com a voltagem de eletrochoque compatível a cada paciente. Neste caso, o equacionamento preventivo da minimização dos possíveis efeitos colaterais serve de pretexto às liberações de verba para pesquisa de Institutos e Universidades, fomento para proliferações de Ong's e grupos de auto-ajuda, entre incontáveis outros beneficiados, começando pela indústria farmacológica e pela capacitação técnico-médica de polícias, pretendendo tornar a tortura um eufemismo. Chega-se, então, à inominável associação entre eletrochoque e qualidade de vida. A abjeta vinculação oportuna dos zeladores da ordem, sob as *auspiciosas* recomendações medicamentosas. O infortúnio do mau encontro, como diria Pierre Clastres.

O infortúnio de quem fica, no livro de Queiroz abre passagem para um penúltimo movimento entre Artaud e Nietzsche, atravessado por um pensar outro que lan-

ça André ao derradeiro capítulo onde ele próprio e sua escrita, que neste momento, assume tons absurdos, beckettianos mesmo, remete-nos ao capítulo anterior onde se destacam estas palavras de Artaud a Van Gogh: "...É preciso um exército de gente amesquinhada para conduzir o corpo ao gesto contranatura que é privar-se de sua própria vida" (Q, p. 59).

Anexações. *Antonin Artaud, meu próximo* traz no anexo um entrevista imperdível com André Queiroz, na qual sua coragem, de homem, de intelectual, também, enuncia verdades insuportáveis para o estado das coisas na Universidade e na submissão das pesquisas acadêmicas aos temas e áreas referendados por agências de fomento. Enquanto em *Nise, arqueóloga dos Mares*, Bernardo oferece um intricado bordado de referências de trabalhos escritos e imagéticos, tecido por Nise e por pessoas que mergulharam na luta contra o encarceramento de gente, seja que palavra isto possa assumir quando está em jogo administrar, gerir e governar vidas.

Se a loucura enuncia verdades insuportáveis como explicitou Artaud é preciso ter presente que ele também insistia na inapreensível afirmação: *a vida é de queimar as questões*.

o singular

maurício tragtenberg | lúcia soares*

Antonio Ozaí da Silva. *Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária*. Ijuí, Unijuí, 2008, 344 pp.

Em 1994, eu estava no último ano da Faculdade de Ciências Sociais — PUC/SP quando soube que Maurício

* Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol.